

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA
ESPECIALIZAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS

DEYSIANNE ULHÔA DE CARVALHO

O FABRICO DA PANELA DE PEDRA-SABÃO:
O trabalho dos artesãos de Cachoeira do Brumado no tocante à economia
e ao poder público locais

Belo Horizonte
2012

DEYSIANNE ULHÔA DE CARVALHO

O FABRICO DA PANELA DE PEDRA-SABÃO:

O trabalho dos artesãos de Cachoeira do Brumado no tocante à economia
e ao poder público locais

Monografia apresentada à Universidade Federal de
Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para
obtenção do título de Especialista em Políticas
Públicas.

Orientador: Prof. Ms. Carlos Roberto Horta

Belo Horizonte

2012

Deysianne Ulhôa de Carvalho.

O FABRICO DA PANELA DE PEDRA-SABÃO:

O trabalho dos artesãos de Cachoeira do Brumado no tocante à economia
e ao poder público locais

Monografia apresentada à Universidade Federal
de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial
para obtenção do título de Especialista em
Políticas Públicas.

Orientador: Prof. Ms. Carlos Roberto Horta

Aprovada pela banca examinadora constituída pelos professores:

Prof. Ms. Carlos Roberto Horta (orientador)

Prof.^a. Dr.^a. Vera Alice Cardoso

Belo Horizonte

2012

RESUMO

Cachoeira do Brumado é um distrito do município de Mariana que surgiu nos primórdios do século XVIII por iniciativa de João Pedroso e João Lopes Pereira. Este distrito possui sustentação econômica voltada para a confecção de artesanato como escultura em madeira, tapete de sisal, panela de pedra, entre outros. O objetivo deste projeto é estudar, especificamente, o processo do fabrico da panela de pedra-sabão nesse distrito, considerando que tal atividade revela-se como parte significativa da economia local. Visto a importância desse trabalho artesanal para a comunidade, a atuação do poder público será investigada no sentido de compreender sua real participação no processo já mencionado, permitindo criar uma conexão entre economia e política pública no âmbito local. Desta forma, essa pesquisa preocupar-se-á, de modo geral, em identificar e esclarecer o grau de envolvimento da prefeitura do município com o desenvolvimento do trabalho dos artesãos de Cachoeira do Brumado. É de grande interesse pesquisar o perfil político e econômico do distrito, além de buscar delinear como os trabalhadores deste ramo se apropriam dos debates em torno das ações políticas em defesa de seus ofícios. Compreender isso implica, necessariamente, estudar o processo da produção de panela de pedra-sabão, as condições e necessidades destes trabalhadores bem como a postura do poder público local. O que está em questão é o entendimento das ações políticas e do próprio pensamento político que acompanha os trabalhadores da região de Cachoeira do Brumado. Pretende-se buscar a compreensão sobre questões políticas que norteiam as ações dos gestores e representantes públicos sobre a realidade social, cultural e econômica de Cachoeira do Brumado. Assim, espera-se contribuir para que este seja um tema cada vez mais abordado, para que haja discussões recorrentes buscando melhorias na elaboração e implementação de políticas públicas voltadas para este segmento, de forma particular, no município de Mariana. O procedimento metodológico utilizado na construção deste estudo é a pesquisa bibliográfica, a documental e a história oral.

Palavras-chave: Política pública. Economia. Artesanato.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à colaboração dos artesãos e da equipe EMATER/Mariana/MG pelas informações e fontes de pesquisa.

Agradeço à equipe NESTH pelo auxílio, de forma especial ao meu orientador Carlos Roberto Horta.

Agradeço, ainda, aos amigos e aos familiares por todo apoio e incentivo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 – FUNDAMENTOS HISTÓRICOS DE CACHOEIRA DO BRUMADO	10
1.1 – A IMPORTÂNCIA DO ARTESANATO PARA A ECONOMIA LOCAL.....	11
1.2 – MINERAÇÃO EM DESTAQUE	15
1.3 – MINERAÇÃO E SUSTENTABILIDADE.....	21
2 – O CICLO DE PRODUÇÃO DA PANELA DE PEDRA-SABÃO	22
2.1 – O FABRICO DA PANELA DE PEDRA-SABÃO	23
2.2 – DEMANDAS DE CONSUMO DO PRODUTO.....	26
3 – ECONOMIA E POLÍTICA NA PERSPECTIVA LOCAL	28
3.1 – VERSÕES DOS ARTESÃOS SOBRE A ATUAÇÃO DO PODER PÚBLICO LOCAL RELACIONADO À PRODUÇÃO DE PANELA DE PEDRA	31
3.2 – HISTÓRICO DE INICIATIVAS, AÇÕES COLETIVAS E FORMAÇÃO DE GRUPO DOS ARTESÃOS	32
3.3 – POLÍTICA PÚBLICA COMO PROPOSTA E/OU RESPOSTA	36
CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo investigar a real atuação do poder público municipal de Mariana-MG no tocante ao fabrico da panela de pedra-sabão em Cachoeira do Brumado, distrito da cidade.

Momento caracterizado por mudanças aceleradas, os últimos anos têm provocado grandes desafios políticos devido à vulnerabilidade da vida política do município de Mariana-MG que, por sua vez, tem registrado a permanência curta de gestores e dificultado a implementação de políticas públicas bem sucedidas. O recorte delimitado nesta pesquisa parte de 2010 e se estende até junho de 2012.

A importância de estudar este período relaciona-se ao objetivo desta pesquisa que é demonstrar a necessidade de apoio sentida pelos artesãos em relação ao poder público e, a partir do registro de tal percepção, possibilitar um novo pensamento que poderá se manifestar por meio da intervenção pública voltada para o setor produtivo de panela de pedra sabão no distrito de Cachoeira do Brumado, propiciando melhorias para a população como um todo. Ressalta-se, ainda, a dificuldade que os artesãos encontram para adquirir matéria-prima e como isso os leva a agir, em grande parte das vezes, dentro da informalidade e da precariedade. Além disso, existe a intenção de conectar o aspecto econômico ao político na perspectiva local a fim de que sejam discutidas questões relevantes que contribuam para a possível elaboração de uma proposta de política pública.

Este trabalho apresenta-se dividido em três capítulos. No primeiro, será exposto um breve histórico da localidade de Cachoeira do Brumado, para contextualizar e destacar a importância do artesanato para o distrito, em especial o artesanato oriundo da mineração.

O segundo capítulo trará informações sobre o processo da fabricação da panela de pedra-sabão e a orientação da demanda pelo produto com a finalidade de descrever a relação entre o artesanato em panela de pedra e seus produtores, desde a aquisição da matéria-prima até o destino consumidor.

No terceiro, será analisada a atuação do poder público local atual por meio dos discursos dos artesãos, que servirão de base para a sugestão de políticas públicas.

A leitura atenta e a interpretação das fontes a fim de problematizá-las, considerando as particularidades de cada uma, serão o meio para que pareceres importantes surjam e ganhem

destaque. A metodologia que guiará esta pesquisa está fundamentada em outro importante campo de investigação: a História Oral, principalmente através da coleta de depoimentos dos artesãos, com suas percepções e sugestões. Essas fontes serão essenciais a esta pesquisa, pois revelam relacionamentos e tensões presentes no interior da sociedade local e permitem refletir sobre os rearranjos no âmbito da política regional. Além disso, a análise da bibliografia sobre mineração garantirá um esclarecimento teórico referenciado e fundamentado em escritos relevantes.

“Será que Cachoeira do Brumado é terra da arte?
Então por que o escultor Artur, o escultor Adão?
E por que, então, tantas artistas anônimas, tapeceiras de primeiro quilate?
Secaram as Minas do bandeirante Matias Barbosa, alcunhada Cabeça de Ferro?
Sumiu o ouro que abastecia João Pedroso e seu xará João Lopes Pereira na época da descoberta?
Não seja por isso, disse Artur. O mato com seu cedro, o homem com seu credo.
Não seja por isso, dizem os paneleiros. Pedreira tem a lasca e o homem tem a faca.
Não seja por isso, dizem as tapeceiras. O campo tem a pita. A pita que faz a corda. A corda que faz tapete.
Tapete que faz dinheiro. Dinheiro que faz a gente.
E o pau de cedro vira onça e passarinho. E a folha de piteira vira geometria com viés egípcio.
E a pedra bruta, não a sabão, macia, a pedra-pedra, vira caçarola, cuscuzeiro, caldeirão.”

Lázaro Francisco da Silva

1 FUNDAMENTOS HISTÓRICOS DE CACHOEIRA DO BRUMADO

Cachoeira do Brumado, distrito pertencente à cidade de Mariana-MG, “foi criado pela Lei nº. 271, de 15 de abril de 1844. Foi suprimido em 1846 com a Lei nº. 288, de 12 de março. Foi depois restabelecido e criada a paróquia, com a Lei nº. 571 de 1º de junho de 1850” (BARBOSA, 1971, p. 91).

Cercado por montanhas, o arraial, conforme mencionou Barbosa (1971), surgiu no início do século XVIII por iniciativa de João Pedroso e de João Lopes Pereira. Aquele foi um dos primeiros descobridores de ouro em Minas Gerais, além de ter sido quem constituiu o patrimônio através de escritura na data de 11 de agosto de 1726, que fora ampliado por causa da doação do Coronel Matias Barbosa da Silva. De acordo com Teixeira (2010), posteriormente, em meados do século XVIII, a Matriz Nossa Senhora da Conceição já estava já erguida, ilustrando o desenvolvimento do lugar.

No fim do século XVIII, uma crise mineradora afetou Cachoeira do Brumado, o que provocou o afastamento de vários mineradores da região. No século XIX, os habitantes do distrito passaram a contar com a agricultura como meio de subsistência. “Alguns registros indicam o quanto o tropeirismo era exercido no arraial na leva de produtos agrícolas para as localidades próximas” (TEIXEIRA, 2010, p. 31-32).

O distrito de Cachoeira do Brumado está localizado a vinte quilômetros a leste da cidade de Mariana-MG¹ e possui cerca de 3.195 habitantes², de acordo com fontes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010). No centro do distrito, situa-se o Rio Brumado que forma uma cachoeira (Figura 1) que, por sua vez, empresta o nome ao lugar e se faz reconhecer como sendo um grande atrativo para turistas, juntamente com o artesanato local, o que faz com que Cachoeira do Brumado seja um importante destino turístico regional.

¹ Mariana possuía, nesse período, 54.219 habitantes (IBGE, 2010).

² De acordo com um levantamento feito pelo Programa de Saúde da Família (PSF) do distrito de Cachoeira do Brumado, em janeiro de 2012, havia, neste local, 430 famílias, o que equivale a um total de 3.195 pessoas. Sobre as localidades da região existem as seguintes informações: Cafundão, Mamonas e Mundinho somam 88 famílias com 302 pessoas. Em Barroca e Borges, 142 famílias que totalizam 501 pessoas. O número de pessoas residentes no centro de Cachoeira do Brumado aumentou em 875, de acordo com o Censo Demográfico do IBGE (Tabela 3.1.4.17 – População residente, por grupo de idade segundo as Mesoregiões, as Microregiões, os Municípios, os Distritos, os Subdistritos, os Bairros e a situação do domicílio – Minas Gerais).



Figura 1: Queda d'água de Cachoeira do Brumado.
Foto: Autora.

A ideia de divulgar o trabalho artesanal ali desenvolvido foi o ponto de partida para a realização da *Festa da Panela*, evento que ocorre anualmente no local. Realizada pela primeira vez em 2007 e ainda organizada pela Associação dos Artesãos e Produtores Caseiros de Cachoeira do Brumado (AACB), a festa recebeu o nome *Fest'Art*. Agora, a conhecida *Festa da Panela* faz parte também do calendário cultural de um dos principais eventos promovidos na região, o *Festival de Inverno de Ouro Preto e Mariana*, promovido pela Universidade Federal de Ouro Preto, que passou a contribuir com o patrocínio e divulgação deste evento.

1.1 A importância do artesanato para a economia local

A palavra arte, assim como tantos outros vocábulos, pode denotar vários significados. Tendo em mente a transformação da matéria bruta pelo homem, no presente texto o termo representará uma forma de produção que se desenvolve buscando a conversão da matéria-prima em objetos úteis. Considerando este sentido para a palavra “arte”, neste item, o termo remeterá à ideia de técnica, de simples ofício assim como já dissera Aristóteles, nos lembra Martins (1973). Denomina-se artesão aquele que produz objetos através da arte e que, muitas das vezes, é o responsável pela criação e utilização de instrumentos que lhes permitem aumentar a eficácia da ação produtiva.

A representatividade histórica que o artesanato possui merece ser discutida, pois abrange valores que o tornam muito importante. No aspecto social, o artesanato possibilita melhores condições de vida e se mostra como opção para suavizar as consequências do desemprego. Muitas vezes, o sistema de trabalho artesanal conta com a participação ativa da família, fazendo com que o próprio lar seja um local de aprendizagem profissional, bem como uma referência básica que torna possível a desenvoltura e o incentivo do ofício a ser praticado.

No aspecto artístico,

o artesanato desperta as aptidões latentes do obreiro e aprimora-lhe o intelecto. Suas mãos, obedientes a impulsos mentais e inteligentes, deslocam a matéria-bruta, grosseira e passiva, e convertem-na com o calor de sua imaginação em coisa útil e por vezes bela. É a ideia que deseja a forma. Vale repisar que o povo não faz arte desinteressada ou arte pela arte, mas, não raramente, sobre ser utilitária, suas peças são bem acabadas, produzidas com esmero e revelam bom-gosto. Se o artesão, além de habilidade manual, possuir talento e sensibilidade, aí então ele vira artista (MARTINS, 1973).

No aspecto cultural, por fim, o artesão revela traços de sua cultura nos objetos que produz, de maneira consciente ou inconsciente registra suas tradições nas peças.

Cachoeira do Brumado é um lugar que se destaca como sendo “a terra dos artesãos”. Uma moradora do lugar revelou, em depoimento, que lá “todo mundo é artesão. Quem não mexe com tapete, mexe com panela, mexe com madeira, faz flor de aroeira”³. Muitos daqueles que não exercem ativamente a atividade artesanal, guardam consigo o conhecimento de como conduzir o processo para a construção de peças através da transformação da matéria-prima, seja com a pita, a pedra-sabão ou a madeira.

Neste sentido, há duas atividades principais desenvolvidas em Cachoeira do Brumado: a extração e fabricação de painéis de pedra-sabão e a fabricação de tapetes de sisal. Essas atividades organizam-se, em geral, em uma divisão por gênero, de forma que os homens dedicam-se à primeira atividade, enquanto as mulheres dedicam-se à segunda (Figuras 2 e 3).

³ ULHÔA, Cleusa. A terra dos artesãos. **Revista Mariana**, Minas Gerais. Dezembro, 2000, p. 18.



Figura 2: Artesão dedicando-se à fabricação da panela de pedra-sabão (processo de torneamento).
Foto: <http://henriqueguiadeturismomg.blogspot.com.br/2011/06/cachoeira-do-brumado-mariana-mg.html>



Figura 3: Cleusa Ulhôa tecendo o tapete de sisal.
Foto: <http://www.pousoeprsa.com.br/site/artesao/947>.

Há, em Cachoeira do Brumado, alguns artesãos mundialmente reconhecidos, como é o caso do senhor Artur Pereira.⁴ Nascido no distrito no dia 21 de fevereiro de 1920 e de origem humilde, Artur foi escultor autodidata, carvoeiro, lavrador, pedreiro e carpinteiro. Segundo Teixeira (2010), Artur esculpiu, aos 26 anos, seu primeiro trabalho: uma gata (Figura 4) que aparecia frequentemente em seu rancho durante sua labuta. Artur prosseguiu nessa atividade artesanal em madeiras, através da qual sempre representou cenas da vida rural. Seu trabalho o possibilitou participar de exposições como *Brésil, Arts Populaires, Paris* (1987) e *Mostra do Redescobrimento, Fundação Bienal de São Paulo* (2000).

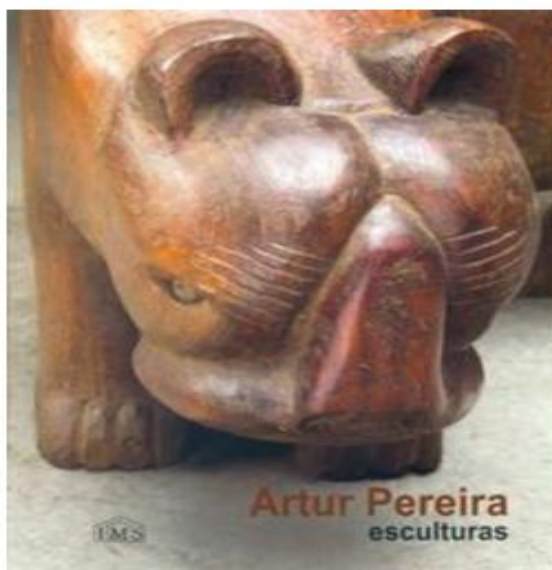


Figura 4: Visualização da primeira obra de Artur Pereira.
Foto: <http://ims.uol.com.br/upload/imgConteudos/705.jpg>

O trabalho artesanal de Cachoeira do Brumado é, grande parte das vezes, consequência da tradição familiar. O aprendizado dá-se através da observação, da vivência e da imitação do trabalho de outrem. Foi assim que ocorreu com José, filho do senhor Artur Pereira, e com muitas outras famílias que habitam o distrito. O artesanato local é, além de fonte de renda, uma expressão do vínculo do sujeito com o lugar, um traço da própria cultura e identidade. De acordo com Bedim (2006 *apud* Teixeira, 2010, p. 17), “o artesanato interfere nos tecidos econômico e social, como fonte de rendimento e de emprego e é um fator de ligação das populações com o seu território”.

⁴ “Possui obras em casas de vários colecionadores espalhadas em todo o mundo e nos acervos das seguintes instituições: Museu de Folclore Edilson Carneiro, Centro Cultural de São Francisco (Paraíba) e Casa do Pontal (Rio de Janeiro). Faleceu em 2003, em Mariana-MG” (TEIXEIRA, 2010, p. 43).

1.2 Mineração em destaque

Para Tanno e Sintoni (2003), a utilização dos bens minerais pelo homem é tão antiga quanto sua história. Por esta razão, as fases de evolução da humanidade se dividem em função dos tipos de minerais utilizados: idades da pedra, do bronze e do ferro (SCLIAR, 2004).

A relação da sociedade com a natureza se dá a partir da maneira como o homem a vê, determinando a lógica do relacionamento entre ambos e resulta de algo que se pode entender por historicidade da humanidade, baseada na exploração dos recursos minerais (HUNT; SHERMAN, 1978 *apud* SILVA; ROCHA, 2008). Isto nos permite pensar a respeito das drásticas alterações ambientais provocadas pela exploração feita irracionalmente, condizente às ambições do sistema capitalista.

Silva e Rocha (2008) propõem que, para pensar a história ambiental no Brasil é necessário resgatar o desenvolvimento do capitalismo em seu curso histórico. Segundo os autores, a partir da entrada capitalista nesse território considerado “de ninguém” pelos portugueses, a devastação configurou-se como uma situação ambiental problemática. O único objetivo explícito pelos colonizadores era a exploração dos recursos que a terra oferecia para atender às necessidades mercadológicas, com destaque para a atividade minerária.

A mineração, por sua vez, sendo variada e atraente desde as primeiras descobertas feitas pelos portugueses, tem sido cada vez mais indissociável e necessária ao cotidiano do homem moderno na cidade e no campo, conforme afirmou Scliar (1996).

Certamente, a mineração revelou-se como uma atividade modificadora do meio ambiente, podendo provocar uma série de impactos ambientais. As substâncias minerais que comumente são classificadas como recursos não renováveis que a Terra possui em quantidade fixa se exaurem devido à contínua extração e consumo pela sociedade. Para Scliar (1996), a recomposição desses minérios só é realizada através de milhões de anos e por meio de complexos processos geológicos que ocorrem em tempo incompatível com o tempo humano.

No Brasil, os dados indicam que a produção de minérios em geral atingiu, em 2000, o valor de R\$ 33,9 bilhões (TANNO; SINTONI, 2003), demonstrando que o país está entre os principais países produtores de minério no mundo.

Para a região de Cachoeira do Brumado, a mineração realizada através da extração da pedra-sabão usada para produzir utensílios, inclusive painéis, é considerada uma importante atividade econômica para o distrito. As figuras 5, 6 e 7 representam os vários tornos e jazidas

dispostos no distrito e região, ilustrando, desta forma, como o trabalho decorrente da transformação da pedra-sabão é essencial para a comunidade.

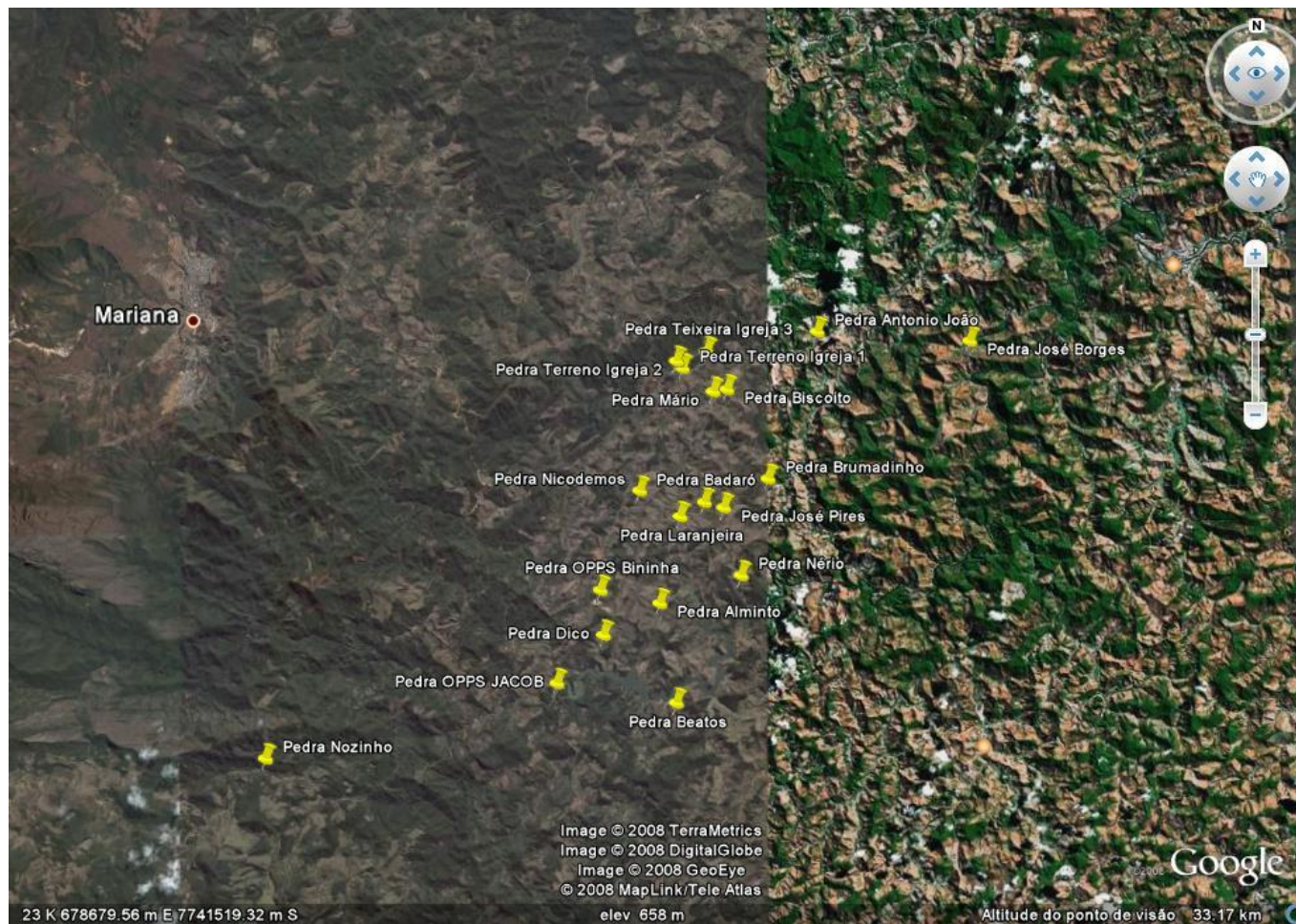


Figura 5: Ilustração das jazidas de pedra-sabão existentes na região de Cachoeira do Brumado.

Fonte: EMATER (Prefeitura Municipal de Mariana-MG)

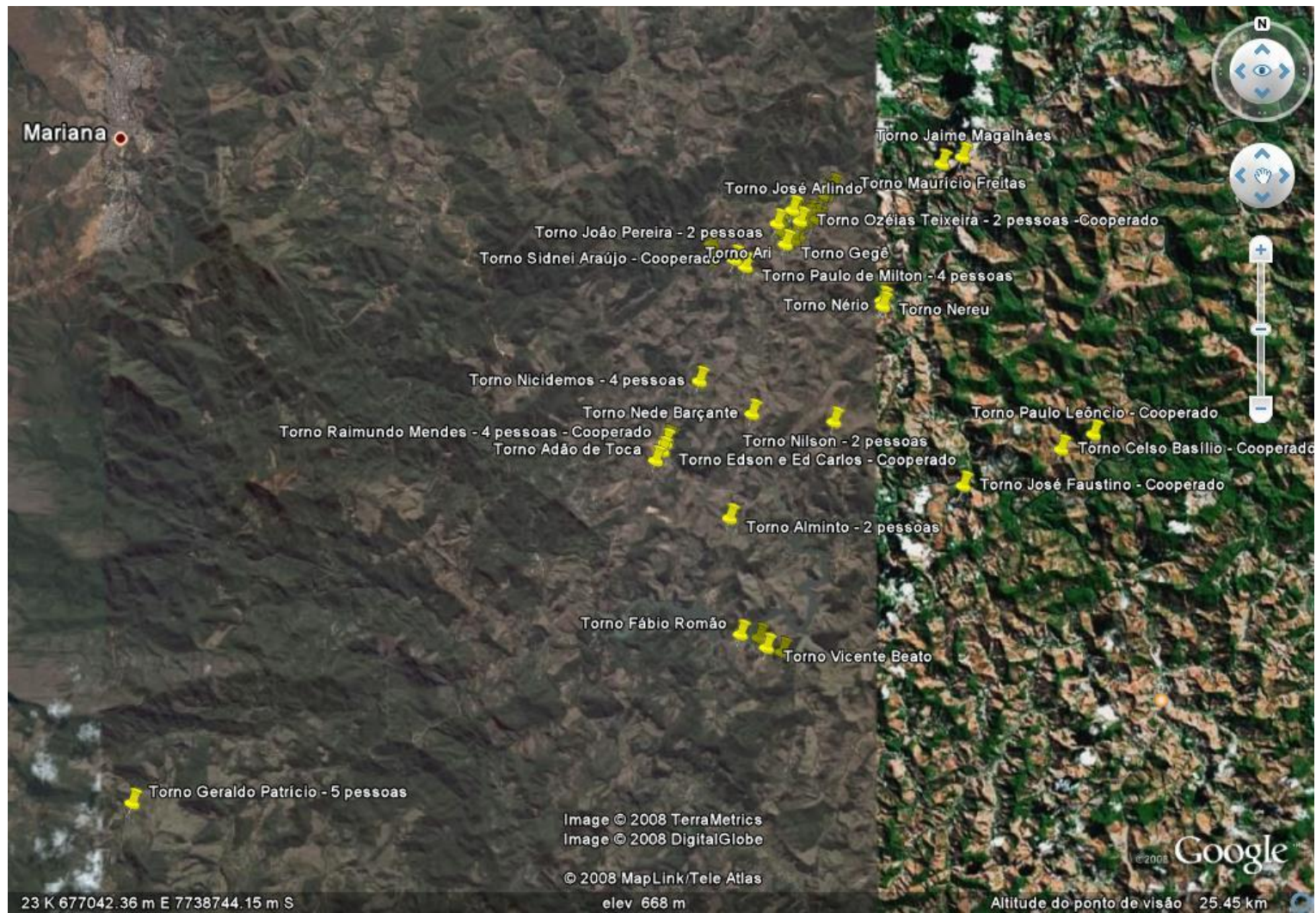


Figura 6: Ilustração dos tornos existentes na região do distrito, juntamente com os nomes dos artesãos donos dos mesmos.

Fonte: EMATER (Prefeitura Municipal de Mariana-MG)

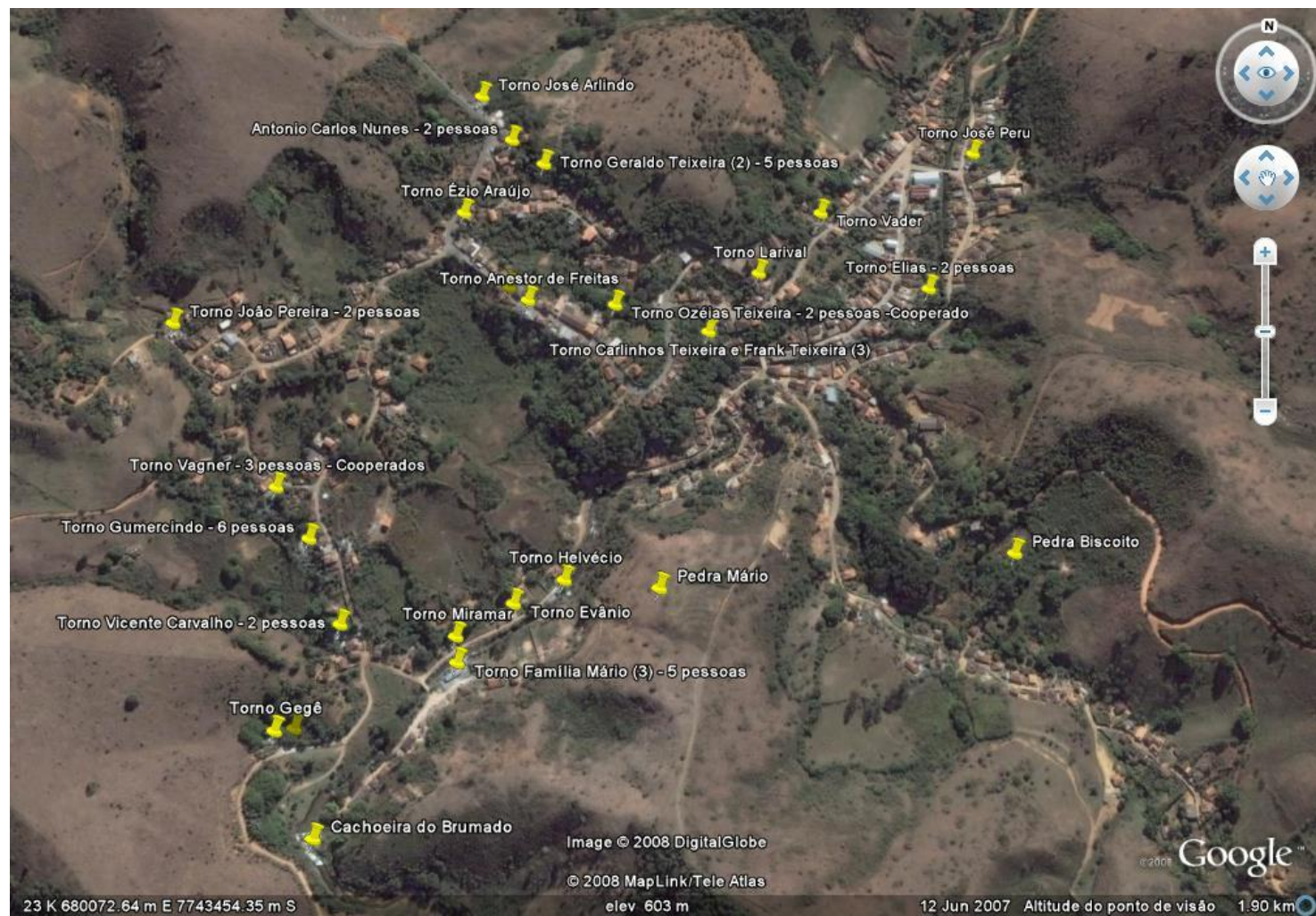


Figura 7: Ilustração das jazidas e dos tornos existentes na região central de Cachoeira do Brumado e suas referências nominiais.

Fonte: EMATER (Prefeitura Municipal de Mariana-MG).

Estas ilustrações integram um trabalho realizado pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais (EMATER) em parceria com o Banco do Brasil (BB) para a estruturação do Desenvolvimento Regional Sustentável (DRS). O DRS é um programa do Governo que tem como intuito “impulsionar o desenvolvimento sustentável das regiões onde o BB está presente, por meio da mobilização de agentes econômicos, sociais e políticos, para apoio a atividades produtivas”⁵. Os dados informados nas ilustrações foram coletados em 2009, no início do projeto. Segundo informações da EMATER – Mariana-MG, estes trabalhos não tiveram continuidade, mas ainda são utilizados como indicadores.

De acordo com Teixeira (2010), há registros que permitem crer que a primeira panela de pedra foi fabricada em Cachoeira do Brumado em meados do século XIX por um morador chamado Onório Ramos. A partir da disseminação deste trabalho do fabrico da panela, a agricultura e a pecuária deixaram de ser fontes isoladas de renda para o distrito, passando-se a contar com a mineração. Desde então, inúmeras viagens em forma de tropas de animais com cavalos partiam da comunidade a fim de comercializar as mercadorias produzidas no local.

A região possui subsolo rico em minério pedra-sabão, como se pode observar nas imagens anteriores, e a exploração inicia-se pela extração da pedra-sabão, conhecida também como pedra de talco. Este material identifica-se como uma rocha compacta composta, dentre outros minerais, pelo talco e pode ser encontrado em colorações de cinza a verde. Outra característica dessa rocha é sua resistência a temperaturas extremas que oscilam desde abaixo de zero até, aproximadamente, 1000°C (BARBOSA, 2008, p. 12-13).

Legalmente, a extração deste material está protegida, cabendo tal atividade às empresas concessionárias, incluindo a Ouro Preto Pedra Sabão (OPPS), o direito de extrair o mineral concedido pelo Ministério das Minas e Energia (NESTH/UFMG)⁶. Isso contribuiu para a escassez de material de boa qualidade para os artesãos, restando apenas a parte da pedra-sabão mais dura, de difícil aproveitamento. É com esse material, que não serve à indústria, chamado rejeito, que o trabalhador fabrica suas panelas. Além disso, seu acesso a esse material só é possível depois do processo de negociação com a empresa para adquirir a matéria-prima. Esta limitação é um dos grandes desafios que se colocam aos trabalhadores que se vêem cerceados pelos interesses das empresas privadas.

⁵ Disponível em:

<http://www.bb.com.br/portallbb/page3,8305,8369,0,0,1,6.bb?codigoNoticia=4570&codigoRet=3867&codigoMenu=14235> (Acesso em: 18/07/2012.)

⁶ Relatórios Cooperminas/NESTH/BEIDS/MME.

1.3 Mineração e sustentabilidade

Refletir sobre a sustentabilidade pode significar o desenvolvimento da capacidade de se posicionar em um espaço de discussão que tem crescido de forma acelerada nos últimos tempos, em função da gravidade relacionada à exploração ambiental desenfreada. A consciência da necessidade de se estabelecer regras para o acesso e o aproveitamento dos recursos minerais encontrados no meio ambiente tornaram-se extremamente relevantes quando se pensa nas condições da própria sobrevivência da sociedade humana. Para Baumol e Oates (1998), a consciência política, social e ecológica são produtos da evolução social que, através de políticas públicas, promovem mudanças na conduta ambiental da sociedade, de maneira geral, e na busca pelo conhecimento a fim de ascender uma sociedade mais justa e sustentável.

Scliar (2004) ressalta que a ausência de cuidado para com o meio ambiente é antiga e histórica. Segundo ele, este é um problema herdado desde a chegada dos portugueses ao Brasil, de maneira tal que

durante a colônia, o Império e a República Velha, poucas ações oficiais foram direcionadas para impedir efetivamente a degradação resultante da atividade extrativa mineral, como mostram as marcas provocadas pela lavra rudimentar de ouro e diamante que fazem parte da paisagem de Minas Gerais, Bahia, Mato Grosso e Goiás (p. 107).

Eschwege *apud* Scliar (2004) mostrou que, no início do século XIX, a preocupação com os efeitos negativos da extração mineral já era notável. Suslick (2005) ressalta a preocupação tardia e falha de que nos fala Scliar (2004), baseado nas palavras de Ernst (1999), de que o movimento de conservação teria seus primórdios nas “áreas do Novo Mundo onde, dentro da memória de uma única geração, houve mudanças extremas na paisagem” (p. 84).

2 O CICLO DE PRODUÇÃO DA PAINELA DE PEDRA-SABÃO

O processo de fabricação da painela de pedra-sabão pode ser dividido em quatro fases: 1) extração e transporte da matéria-prima; 2) preparo da pré-forma; 3) torneamento; e, 4) acabamento final.

A escolha da matéria-prima exige conhecimento de algumas características da pedra, levando à seleção de partes que não contenham impurezas que impeçam a produção. A extração se dá com o auxílio de uma alavanca, ferramenta específica utilizada pelos artesãos, que tem a função de auxiliar na lapidação e no desprendimento da rocha.

O preparo da pré-forma se dá com a própria alavanca, que permite ao artesão lapidar o bloco que se direcionará ao torno. Essa fase diferencia-se da primeira, pois consiste na busca de dar ao bloco um formato mais próximo ao pretendido, ou seja, um formato arredondado de painela. Nesta etapa, é importante que o artesão deixe uma “torre” na área interna e central da vasilha e confeccione furos que permitam o encaixe nas extremidades do torno para que seja possível assegurar a peça no torno.

Com a pré-forma fixa ao torno e em movimento centrípeto, o artesão vai esculpindo uma forma final ao seu produto com o auxílio da alavanca. O manuseio se torna mais complexo à medida que o processo dessa etapa vai sendo finalizado, isso porque o volume da peça pode influenciar no peso do bloco e na espessura da torre. Caso a espessura da torre não aguente o peso do objeto, esta poderá quebrar-se e a pré-forma desprender-se do torno.

Além disso, há outra questão complicada, ainda nesta fase do processo descrita por Melquiades (2011) que se refere ao contorno pretendido. Segundo ele,

o contorno pretendido também influencia na performance. A confecção de uma vasilha fechada, ou seja, com o diâmetro da boca sendo o menor dos diâmetros, dificulta o acesso à superfície interna durante o torneamento. Isto porque os ângulos possíveis para que o artesão coloque a alavanca em contato com a face interna da pré-forma serão menores. O mesmo ocorre quando a vasilha pretendente tem um ponto de inflexão abrupto no corpo e, caso o artesão, por algum motivo, não atente para seus gestos, teremos uma peça com paredes mais grossas e irregulares. A cadeia de gestos despendida aqui é de suma importância, pois, torna-se possível perceber, através dela, a habilidade do artesão no trato com a matéria-prima (p. 9).

Em seguida, após o torneamento, o artesão conclui a produção com os acabamentos finais que são feitos com o polimento com auxílio de lixa.

2.1 O fabrico da panela de pedra

O processo de trabalho artesanal consiste em etapas sequenciais que serão mencionadas a seguir, considerando épocas distintas do fabrico da panela de pedra-sabão.

De acordo com os relatos dos artesãos entrevistados, anos atrás, o ofício oferecia poucos recursos em termos de ferramentas e exigia muito esforço e trabalho manual. Para adquirir sua matéria-prima, a pedra sabão, o artesão precisava, individual ou coletivamente, localizar a jazida de minério. Muitas vezes, a jazida encontrava-se situada em terreno cujo proprietário não possuía interesse em explorar. Nesse caso, arrendava-se a jazida através de uma negociação entre artesãos e o proprietário das terras de maneira tal que uma porcentagem do que fosse produzido por aqueles seria direcionado a este. Dito de outro modo, e considerando informações com números de produção, a cada dezessete panelas fabricadas com material oriundo do terreno arrendado, uma unidade ficaria para o do dono do terreno.

Após a localização da jazida de minério, com o auxílio da alavanca, instrumento de uso contínuo dos artesãos, era necessário cortar, selecionar e classificar os blocos irregulares, de tamanhos variados. Todo o material desejado era retirado do tamanho aproximado que convinha e transportado, normalmente por um cavalo, até a respectiva unidade de trabalho, chamada torno.

Em seguida, o material começaria a ser trabalhado. O artesão, sentado ao chão, tratava de apoiar a parte da pedra cortada entre as pernas e começava a dar forma arredondada à sua matéria-prima através de uma alavanca menor e mais leve. Quando, grosseiramente, conseguia se observar um formato de panela, este material era encaixado no torno movido à água para prosseguir com o processo de produção, conforme é possível se observar na figura 8. Dessa forma, a pedra-sabão se transformaria em panela de pedra-sabão e o produto via-se pronto para ser lixado, alceado e utilizado ou vendido.



Figura 8: Torno movido à água, posse do senhor Geraldo José Teixeira.
Foto: Autora.

Atualmente, dentre os tornos existentes na comunidade, há apenas dois que utilizam energia hidráulica, porém apenas um encontra-se em atividade. Observa-se que as mudanças no processo da produção de panela de pedra foram poucas ou até mesmo nenhuma, considerando tornos que possuem essa fonte de energia. Através de conversa informal com o artesão Geraldo José Teixeira (conhecido como Gegê), morador e trabalhador de Cachoeira do Brumado, de 60 anos de idade e dono do único torno em atividade movido à água no distrito, foi confirmado que as alterações ocorridas, pelo menos para ele que ainda hoje trabalha em torno movido por energia hidráulica, foram independentes do processo produtivo. Na resposta dada à pergunta: “Como era fazer panela de pedra há anos atrás e como é fazer panela de pedra hoje?”, ele disse: “Era mais difícil. Naquela época tinha que buscar [as pedras-sabão] no lombo de burro, não tinha estrada direito... Hoje não. Hoje buscamos [as pedras-sabão] de carro, né? Já tem essa vantagem. Mas o torno é o mesmo”⁷.

A maioria dos demais tornos existentes no distrito são movidos à energia elétrica. Isso configura que, ao longo dos últimos 30 anos, o trabalho da maior parte dos artesãos foi facilitado por inovações no processo de produção. A matéria-prima, por sua vez, também tem sido adquirida diferentemente de antes, através da negociação e da compra desse material na empresa Ouro Preto Pedra-Sabão (OPPS). Na verdade, isso é considerado, pelos artesãos, uma grande desvantagem, pois costumam ser oferecidas para venda as partes da pedra consideradas rejeitos, ou seja, aquelas partes que não servem para a empresa destinar à

⁷ As informações foram obtidas através de contato informal e as palavras foram transcritas a partir de registro de gravação.

exportação. Chegam, para serem transformados pelo artesão, blocos que pesam, em média, dez toneladas.

Com o auxílio de uma serra, o bloco é cortado em peças menores de maneira mais precisa, delimitando o tamanho que terá o bem final. Depois disso, o material ganha forma arredondada e também é direcionado ao torno. É usada, para a preparação das peças, uma serra elétrica de disco e, em seguida, a peça vai tomando forma quando se utiliza o torno elétrico. Dadas estas condições, o processo do fabrico da panela de pedra tem contado com maior agilidade até a conclusão da produção.

Os artesãos produzem, na maior parte das vezes, as convencionais panelas e, em quantidades menores, fôrmas de pizza e objetos de decoração (Figura 9).



Figura 9: O artesão Helvécio Geraldo Teixeira cortando a pedra-sabão para a fabricação de fôrmas de pizza em seu torno movido à energia elétrica.

Foto: Autora.

As condições de trabalho dos artesãos são exaustivas, pois realizam a atividade durante muitas horas por dia, com esforços repetitivos e muitos deles descuidam da saúde, não atentando para a postura, para os ruídos e para o pó inevitáveis, durante o trabalho. Porém, o que tem feito com que os artesãos repensem sobre a condição de permanecerem executando tal ofício não é o risco à saúde, mas a dificuldade que encontram em adquirir a matéria-prima, bem como a falta de apoio do poder público local, traduzido em política

pública de forma efetiva. Nesse sentido, o que se discutirá no terceiro e último capítulo será, justamente, o real envolvimento do poder municipal em relação aos artesãos de Cachoeira do Brumado.

2.2 Demandas de consumo do produto

As pedras retiradas de Cachoeira do Brumado são exportadas pelas empresas atuantes na região nas suas formas brutas, para outros países, na condição de matéria-prima. A seguir se vê uma das jazidas da região de Cachoeira do Brumado (Figura 10).



Figura 10: Jazida Barroca, pedra-sabão clássica.

Fonte: Disponível em http://www.wsoapstone.com.br/fotos/ft_126.jpg

Conforme mencionado anteriormente, a parte da pedra que não é interessante para a exportação é vendida para o artesão que, após torneá-la, comercializa o produto do seu trabalho com intermediários diversos por um valor muito abaixo do encontrado nas etiquetas dos mesmos, em mercados de outras cidades.

Os produtos derivados da pedra-sabão são, em parte das vezes, vendidos aos moradores do próprio lugar que se incumbem de revendê-los em diversas cidades do Brasil. Ao retornarem, estes moradores repetem a ação da compra para, uma vez mais, saírem em busca de mercado consumidor para a produção adquirida. Muitas vezes esses vendedores

propõem-se a ir de casa em casa oferecendo o produto. Outras vezes, encontram demandas em lojas nas cidades em que passam.

O produto desses artesãos é vendido em mercados regionais, em lojas de todo o país e no exterior. Alcança as grandes cidades por meio dos turistas que vão diretamente ao local para adquirir ou, ainda, através dos vários moradores do distrito que compram o produto dos artesãos e revendem as panelas em outras cidades dispersas por todo o país: “A produção [a e comercialização] de panela de pedra é uma questão cultural”, disse o artesão Nério Barçante, presidente da Cooperativa dos Artesãos em Pedra-Sabão de Barro Branco e Cafundão (COOPSABÃO).

3 ECONOMIA E POLÍTICA NA PERSPECTIVA LOCAL

Do ponto de vista da representação e das relações de poder, desde a elaboração da Constituição Federal de 1988, os municípios foram apresentados como esferas relativamente estratégicas no processo de consolidação de projetos políticos e de disponibilização de políticas públicas.

O que se pode constatar, no entanto, é que a diversidade de experiências e iniciativas locais tende a ser influenciada por diferentes desenhos organizacionais e políticos consequentes da existência de modelos distintos de gestão presentes e atuantes nos municípios brasileiros. De acordo com Souza (2004),

a importância relativa dos governos municipais no Brasil em termos financeiros vem sendo paulatinamente alcançada a cada nova Constituição Federal, principalmente a partir da de 1988. Entre 1988 e 1998, o volume de recursos próprios dos municípios elevou-se em aproximadamente 197%. Em 1998, a receita tributária municipal atingiu seu nível histórico máximo, cerca de 1,6% do PIB ou R\$ 14 bilhões anuais. Os municípios elevaram sua participação no bolo tributário nacional de 11% para 17% nos dez primeiros anos de vigência do novo sistema, registrando-se um pequeno declínio a partir do final dos anos 90 e, em 2003, os municípios detinham 16% dos recursos tributários nacionais. Do lado da despesa, os governos locais eram responsáveis, em 1999, por 19% das despesas totais com pessoal, 39% das despesas correntes e pela metade dos gastos da Formação Bruta de Capital Fixo – FBCF, esta última importante variável para analisar os dados da despesa, uma vez que mostra não só os gastos com investimento, mas também os compromissos futuros com despesas correntes (p. 28).

Dada a condição de descentralização política, no que se refere ao poder de elaborar, executar e implementar políticas públicas, a percepção que nos convém é a de que, do ponto de vista distributivo, pequenas e médias localidades acabam se tornando muito dependentes de repasses financeiros.

O que ocorre e deve ser avaliado é que a descentralização não é completamente abrangente, no sentido de não transferir para o município recursos financeiros e autonomia para alocar tais recursos de acordo com suas necessidades específicas.

Juntamente a toda dificuldade que os municípios, em geral, encontram para desenvolver e efetivar, de fato, políticas públicas direcionadas a diversos segmentos, o município de Mariana-MG conta, além disto, com uma grande instabilidade política que resulta no registro de permanência curta de gestores nos últimos dois anos. Neste breve recorte de tempo, quatro prefeitos assumiram a liderança, observando que um deles assumiu não apenas uma, mas duas vezes neste mesmo período.

Para se compreender a atuação do poder público na perspectiva local de Cachoeira do Brumado voltada para a atividade artesanal em pedra-sabão no período que interessa a essa pesquisa, se tratará de esclarecer a instabilidade política vivenciada pelo município de Mariana-MG - representado por sua prefeitura municipal que, desde o ano de 2009, vem sofrendo trocas consecutivas de prefeitos municipais em um prazo de tempo relativamente curto.

Em 2009, o candidato eleito Roque Camêllo, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), tomou posse e assumiu a prefeitura e a geriu até abril de 2010, quando teve seu mandato cassado. Essa ocasião foi propícia para que a segunda colocada nas eleições, Terezinha Ramos, do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), assumisse a prefeitura. Ela esteve no cargo até maio do mesmo ano, sendo afastada por suspeita de irregularidades na prestação de contas da campanha. Raimundo Horta, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), o então presidente da Câmara Municipal, foi empossado e atuou até janeiro de 2011, quando foi substituído pelo vereador Geraldo Sales, do Partido Democrático Trabalhista (PDT). No mês de agosto de 2011, Terezinha Ramos reassumiu a prefeitura por decisão do Tribunal Regional Eleitoral (TRE-MG), mas foi cassada em fevereiro de 2012, dando lugar a seu vice-prefeito, Roberto Rodrigues (PTB).

Considerando este cenário, há que se observar que, juntamente às dificuldades que os municípios, em geral, encontram para desenvolverem e efetivarem, de fato, políticas públicas direcionadas a diversos segmentos, o município de Mariana-MG conta, também, com uma grande tensão política.

Esta conjuntura política conturbada oportunizou a intensificação da desatenção por parte dos prefeitos para com as políticas públicas locais. Um dos motivos que contribuiu para isso foi o pouco tempo que tiveram para realizarem, consistente e efetivamente, o exercício neste município.

Esta instabilidade política é um fato que desfavorece o progresso do município e que resultou, inclusive, em um grande obstáculo para a realização desta pesquisa, de maneira tal que as trocas seguidas de prefeitos e conseqüentemente a troca dos membros das equipes de governo culminaram em uma limitação na obtenção de dados e de informações mais precisas para a construção desta produção.

De modo geral, esta barreira encontrada em algumas das fontes de pesquisa, ou seja, os trabalhadores da Prefeitura Municipal de Mariana contatados, impossibilitou conhecer o que, de fato, o município já propôs e/ou se propõe em termos de incentivo ou melhoria nas condições de trabalho dos artesãos de panela de pedra-sabão de Cachoeira do Brumado.

Houve, portanto, uma grande restrição quanto ao recolhimento de informações relevantes sobre a atuação do poder público voltado para este setor de produção e de elementos importantes que contribuiriam para um melhor resultado desta investigação.

Mesmo com a limitação de dados e informações acessíveis pode-se dizer, ao retomar o contexto histórico-político em destaque neste estudo, que não se tomou conhecimento de nenhuma política pública bem sucedida que mereça destaque nesta ocasião. Nesta perspectiva, não é difícil confirmar que, para o apoio aos artesãos de Cachoeira do Brumado que encontram dificuldades para conseguirem matéria-prima a fim de realizarem seus ofícios, não foi adotada também nenhuma política pública que os favorecesse, de algum modo.

O que se pode notar é que as ações destes prefeitos, durante os respectivos períodos de exercício, foram apenas medidas paliativas, que dificultaram o desenvolvimento dos aspectos políticos da região. Não houve um prosseguimento de projetos, muito pelo contrário. Neste sentido, este período configurou-se como um período de descontinuidade de melhorias em prol do município. Nenhuma intervenção em longo prazo foi iniciada e as intervenções públicas buscavam resultado imediato e não se expressaram nada além do que ações assistencialistas.

Entretanto, justificar a desatenção por parte dos prefeitos para com os artesãos de panela de pedra-sabão de Cachoeira do Brumado como consequência apenas das circunstâncias políticas incertas, ocorridas em Mariana-MG atualmente seria uma inverdade. Como será observado no discurso de um representante de artesãos de Cachoeira do Brumado, a participação efetiva por parte do poder público como forma de incentivo à produção de panela de pedra-sabão e de apoio aos trabalhadores deste setor artesanal sempre foi negligenciada e nunca se mostrou, realmente, como política pública.

Ao optar por contatar o presidente da única cooperativa existente na região de Cachoeira do Brumado pretendeu-se obter informações mais pontuais em relação ao que o grupo, em geral, considera acerca da atuação do poder público local representado pela Prefeitura Municipal de Mariana.

De acordo com o que foi relatado pelo então presidente da COOPEDRASABÃO, Nério Barçante, ao longo dos anos em que a extração e a produção da panela de pedra-sabão ocorrem em Cachoeira do Brumado e adjacências, nenhum benefício vindo da prefeitura pode ser percebido como sendo política pública. O desempenho do poder público local não se manifestou como nada além de apoio anódino, visto que suas ações já praticadas foram identificadas, categoricamente, nas seguintes atuações: auxílio com transporte para a condução da pedra-sabão das jazidas até os tornos e apoio intervencionista em algumas

reuniões nas quais foi discutida a relação entre as empresas mineradoras e os artesãos da panela de pedra-sabão. Certamente, a participação da Prefeitura Municipal de Mariana, representada pela Secretaria de Meio Ambiente, nas intervenções em busca dos direitos e objetivos dos artesãos seria válida se fosse um ato frequente e estabelecido de forma efetiva. Apesar disso, destacar a continuidade de envolvimento da prefeitura nas discussões, buscando melhorias e oportunidades para os artesãos de Cachoeira do Brumado não é algo possível de ser feito neste momento, dada a atual conjuntura política já descrita anteriormente.

Fica claro que este cenário político instável em Mariana-MG, neste período de tempo a ser estudado, aliado às dificuldades com que convivem os artesãos de Cachoeira do Brumado em adquirirem matéria-prima para trabalharem, configura o plano de fundo da posição em que se encontram os trabalhadores desta comunidade desprovidos do apoio do setor público local, especialmente neste momento.

3.1 Versões dos artesãos sobre a atuação do poder público local relacionado à produção de panela de pedra

Em contato com os representantes dos grupos de artesãos moradores de Cachoeira do Brumado, nota-se que, para eles, o poder público mostra-se ausente no tocante ao incentivo e ao apoio para o fabrico da panela de pedra-sabão nesse distrito. Os trabalhadores de Cachoeira do Brumado declaram o fato de não terem contribuição – nem da Prefeitura Municipal de Mariana, tampouco das empresas que atuam na região – que seja voltado para o artesanato, segmento do trabalho que desenvolvem.

A grande queixa dos artesãos refere-se ao fato das empresas privadas possuírem controle sobre as grandes áreas de extração de minério destas regiões, tendo licença legal para explorarem o minério. O problema é que, com a falta fiscalização por parte do poder público, as empresas exploram, inclusive, áreas não autorizadas. Ocorre que,

segundo observação do próprio Coordenador Ambiental da OPPS, a Federação Estadual do Meio Ambiente de Minas Gerais (FEAM-MG) alega que: quando uma empresa chega a extrair matéria-prima de determinada região, essa tem que dar condições de sobrevivência ao artesanato local. Mas não é o que se observa, pois ao estabelecer contratos de apaziguamento com os proprietários das terras exploradas essas empresas boicotam o artesanato local. As matérias de menores dimensões que seriam doados para os artesãos para esses poderem sustentar suas atividades são, em grande parte, de qualidade inferior ou quando não entregues aos donos do terreno em

troca da liberdade de exploração. Com isso, o dono do terreno passa a vender esse material para os artesãos da maneira que melhor lhe convir (NESTH, 2006).

Vários relatos, como o que se segue, aclaram a circunstância real. De acordo com Cleusa Ulhôa, presidente da Associação dos Artesãos e Produtores Rurais de Cachoeira do Brumado (AACB): “O único apoio que tivemos foi com auxílio de transporte [...] quando [nós da Associação dos Artesãos e Produtores Rurais de Cachoeira do Brumado] ainda éramos responsáveis por fornecer o sisal para quem produz o tapete. Essa matéria-prima era trazida da Bahia e, por encomenda, era distribuída para as artesãs”.

A fala do artesão Nério Barçante também se infere o envolvimento da Prefeitura Municipal de Mariana quando explicou sobre a presença de uma de suas secretarias em discussões específicas sobre o artesanato em pedra-sabão: “Fizemos uma reunião com a Viamar Mineração, a Ouro Preto Pedra Sabão e a Secretaria de Meio Ambiente do Município de Mariana para conseguir o rejeito da matéria-prima para trabalhar”.

O que se pode perceber, de acordo com o discurso dos artesãos, é que os poucos auxílios que tiveram vindos da prefeitura, foram manifestados através de apoio assistencialista. Desse modo, as intervenções do poder público não chegaram a se expressar, de fato, como políticas públicas.

3.2 Histórico de iniciativas, ações coletivas e formação do grupo de artesãos

Para compreender as iniciativas coletivas de formação de grupos é importante delinear o cenário socioeconômico atual, pois tais ações são métodos encontrados pelos trabalhadores que, em geral, formam associações e cooperativas para uma possível resposta a esse sistema.

No cenário capitalista, no qual a teoria vigente fora proposta por ideólogos neoliberais, o Estado cumpre sua dada função de atuar sob interferência mínima, favorecendo a desenvoltura do mercado através da livre concorrência. Isso se relaciona em coerência com a proposição de Adam Smith: “Os interesses e paixões particulares dos homens são orientados na direção mais benéfica para o interesse da sociedade inteira” (SMITH *apud* HEILBRONER, 1996, p. 54). A esta conjuntura, ou seja, às atuações e novas tendências sociais, dado o sistema neoliberal, devemos evidenciar o processo das metodologias participativas.

Tendo ciência das características deste novo cenário neoliberal globalizado, surge o

novo *sujeito social*, termo adotado por Horta (2003) para se referir ao indivíduo que se insere neste contexto descrito. Para o autor, o neoliberalismo afeta a existência dos indivíduos ao contribuir para o processo de “construção de um sujeito individual apelando bastante para a questão [...] da competitividade” (p. 5).

É a partir de imposições como individualismo e competitividade realizados pelo sistema atual que é possível detectar problemas sociais presentes frequentemente, como o desemprego, a exclusão e a violência. Mas a grande questão, de fato, é a naturalidade com que vem sendo tratados esses problemas que, em boa medida, mostram-se como consequência do sistema econômico vigente e complexo que se faz conhecer por neoliberalismo, conforme sugeriu Horta (2003).

A partir de toda a miséria e do estímulo individualista surge a violência produzida pelo próprio sistema. Reflexo disso, na esfera do trabalho no Brasil, por exemplo, é a intervenção do Estado a favor dos fortes [ou seja, daqueles que detêm o capital e os meios de produção] e o repasse para os trabalhadores o ônus dos ciclos econômicos (MALDONADO FILHO, 2001).

Como resposta a essa estrutura sócio-econômica, a sociedade recorre aos movimentos sindicais, às organizações não-governamentais (ONGs), às cooperativas e/ou à economia solidária. O ato de se organizarem coletivamente parte de objetivos comuns havendo reciprocidades entre os membros envolvidos de forma a constituírem atuações visando à produção, à comercialização ou à prestação de serviços efetuados coletivamente.

O cooperativismo, reinventado nos anos 1990 desde seu surgimento no século XVIII no contexto da Revolução Industrial, foi movido pela necessidade dos trabalhadores de se posicionarem diante da possibilidade de perderem seus empregos ou de ficarem com as instalações de empresas falidas (SINGER, 2000a). Para esse autor, a falta de conhecimento da ciência cooperativista provoca o insucesso destas organizações.

Assim como o cooperativismo, as demais associações utilizadas como mecanismos de resposta ao sistema neoliberal compartilham da concepção geral da economia solidária, “em contraste com o individualismo competitivo que caracteriza o comportamento econômico padrão nas sociedades capitalistas” (SINGER, 2000b, p. 116).

Os grupos se mantêm pela autogestão que permite igualdade total de direitos a todos os membros envolvidos nos mesmos. A propriedade deve ser distribuída igualmente entre todos os sócios, consolidando a ideia geral da economia solidária e promovendo o objetivo central de proporcionar a geração de emprego e de renda através de um artifício que independa da estrutura capitalista.

Por outro lado, há que se destacar uma questão que acaba por enfraquecer todo este mecanismo de resposta que é a existência problemática de dirigentes que se permitem conquistar, na maioria das vezes, pela sociedade burguesa quando vêem a possibilidade de adquirirem alguma vantagem material ou algum benefício individual (HORTA, 2003). A possível solução, no entanto, deveria vir da esquerda, mas “no momento que for vista pelo buraco da fechadura, pode revelar uma forte contaminação neoliberal” (ALVES *apud* HORTA, 2003, p. 11).

Sendo assim, torna-se mais complicado o processo de ação em contraposição ao sistema neoliberal disperso por uma ideologia tão bem fundamentada fazendo com que a economia solidária apresente dificuldade em se mostrar como uma opção que possa, realmente, trazer solução para o desemprego em grande escala.

A complexidade deste cenário é ilustrada pelas palavras sínteses de Horta (2003):

A questão que se apresenta, do ponto de vista da condição para se construir uma subjetividade solidária, não patronal, igualitária, é a mesma que se coloca também para a classe trabalhadora como um todo, no contexto da hegemonia neoliberal: é uma questão política (p. 12).

Na perspectiva local, é possível notar que, em Cachoeira do Brumado e região, existem duas associações e uma cooperativa.⁸ Destes grupos, contactou-se a presidente da Associação dos Artesãos e Produtores Caseiros de Cachoeira do Brumado (AACB), Cleusa Ulhôa, e o presidente da Cooperativa dos Artesãos em Pedra Sabão de Barro Branco e Cafundão (COOPSABÃO), Nério Barçante.

O relato da presidente da AACB, Cleusa Ulhôa, sobre a história do grupo permite-nos conhecer um pouco da associação desde sua criação. Segundo ela, a associação foi fundada em 1998, com 15 associados.⁹ O grupo teve atuações importantes na comunidade, como, por exemplo, a organização da *Fest'Art*, primeiro evento de grande proporção ocorrido em Cachoeira do Brumado voltado para a divulgação do artesanato local. Organizada pelos próprios membros, o evento teve continuidade por quatro anos. Segundo a presidente da AACB, nessa festa, eram montadas barraquinhas de artesanato e incentivada a venda dos produtos com o objetivo maior de divulgar o artesanato local.

O que se apresentou, em seu relato, como grande dificuldade da AACB foi o fato de haver divergências relacionadas às metas pessoais e políticas entre os membros da associação,

⁸ Uma associação tem por objetivo prestar serviços de interesse econômico, técnico, legal, cultural e político a seus associados. Uma cooperativa presta serviços de interesse econômico e social aos cooperados, viabilizando e desenvolvendo sua atividade produtiva.

⁹ Ver anexos.

o que levou à redução do número de participantes do grupo:

Os próprios moradores que se viam no meio da organização e que estavam envolvidos com a política na época, causaram conflito que desestruturou a coordenação e desenvolvimento da festa. A partir desta experiência, por causa do desentendimento e da falta de cooperação entre os próprios moradores e artesãos, a associação não mais tomou frente à organização [da festa]. A concorrência entre os próprios artesãos dificultou muito o trabalho na associação. Os trabalhadores começaram a executar o ofício individualmente e o número de participantes, desde então, foi só diminuindo.

Sobre o envolvimento do poder público neste segmento, a resposta da entrevista foi instantânea e indicou que o auxílio que os beneficiaram foi a disponibilização de transporte algumas poucas vezes que necessitaram. Não foi ressaltada nenhuma outra atuação que não a que acabara de ser dita.

A Cooperativa dos Artesãos em Pedra-Sabão de Barro Branco e Cafundão (COOPSABÃO) foi fundada em busca da regularização do direito de explorar a matéria-prima. De acordo com o presidente da cooperativa, Nério Barçante, “o que nos moveu a unir e criar uma cooperativa foi a precisão de requerer o direito de exploração do minério”. Segundo o entrevistado, sob orientação da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, os artesãos organizaram-se e fundaram a cooperativa por meio de audiência pública ocorrida em assembléia na cidade de Belo Horizonte-MG. A Secretaria de Meio Ambiente também intermediou reuniões entre os fabricantes da panela de pedra-sabão e as empresas que exploram o minério na região.

Nota-se que, aos olhos dos artesãos de Cachoeira do Brumado, o poder público municipal tem sido percebido como algo distante, como uma possibilidade muito remota de proporcionar melhoras efetivas em relação ao trabalho que desenvolvem. O grande complicador é que existem três grupos constituídos por poucos membros que não intuem objetivos comuns. Isto, além de dificultar a relação entre os membros desses grupos, dificulta também uma atuação mais pontual da prefeitura quanto às reivindicações mais urgentes desses grupos. Há, por assim dizer, certa incoerência argumentativa entre os grupos que não possibilita um direcionamento mais preciso às suas próprias questões.

Em dados obtidos através da EMATER de Mariana-MG, do total de 104 artesãos entrevistados, 53 são homens produtores da panela de pedra-sabão. Ou seja, estes trabalhadores que fabricam vasilhames com a pedra-sabão representam 51% de uma amostra englobando artesãos em geral (tapeceiras, escultores em madeira e etc.).¹⁰

¹⁰ Dados fornecidos pela EMATER Mariana-MG com informações baseadas em pesquisa realizada no ano de

Somado a isso, percebe-se que não há unidade de produção, sendo que grande parte dos associados atuam geralmente em suas próprias casas. Contudo, os produtores de painéis de pedra-sabão declararam, ainda que involuntariamente, uma espécie de resistência para com os próprios companheiros de atividade. Resultado disso é o produto final vendido muito abaixo do preço justo e a experiência de expectativas frustradas diante dos poderes público e privado com os quais se relacionam.

3.3 Política pública como proposta e/ou resposta

A mineração como atividade econômica, apesar de todo prejuízo que acarreta, gera também uma série de benefícios à coletividade como emprego, renda e etc. O grande desafio que se mostra é a busca pelo equilíbrio diante desta situação. Tanno e Sintoni (2003) chamaram a atenção para a complexidade entre as relações do desenvolvimento da mineração em face do desafio da sustentabilidade. Desta forma, a resposta precisa para esta conjuntura deve derivar de proposta de política pública deixando a cargo do município a tarefa de dispor, legalmente, sobre esse paradoxo de maneira tal que os benefícios sejam maximizados e os malefícios minimizados. Além disso, para os autores citados,

a mineração deve estar inserida nos programas de desenvolvimento socioeconômico e planejamentos urbanos e regionais, assegurando, desta forma, o suprimento contínuo, estável e harmônico dos bens minerais para a melhoria e qualidade de vida das populações (p. 8).

Considerando esta perspectiva, juntamente a uma preocupação particular voltada para o setor mineral de Cachoeira do Brumado, emerge a carência de políticas públicas voltadas para esse segmento específico.

A Constituição Federal de 1988 e as legislações estaduais estabelecem as competências da União, dos Estados e dos municípios para o envolvimento nas questões associadas ao processo de aproveitamento dos recursos minerais. Por sua vez, os municípios raramente praticam, de forma plena, suas competências para elaborar e implementar legislações próprias, o que dificulta iniciativas legítimas de interesses locais (TANNO; SINTONI, 2003).

Contudo, não se pode dizer que o poder público tem sido completamente ausente nas atividades artesanais de Cachoeira do Brumado, especialmente quanto ao fabrico da panela de pedra-sabão. Consultando o atual Secretário de Cultura e Turismo de Mariana, Helio Rodrigues, ele destacou a importância desta atividade do distrito para o município. De acordo com ele, eventos como a *Festa da Panela de Pedra* estão incluídos no calendário cultural oficial da programação de *Festival de Inverno de Ouro Preto e Mariana*. Além disso, o secretário comentou ter projetos futuros que envolvem a atividade artesanal de Cachoeira do Brumado, abrangendo, certamente, o fabrico da panela de pedra-sabão. Questionado a respeito de sua percepção quanto à vida política atual da cidade de Mariana-MG, não quis se manifestar. Argumentou, no entanto, que se trata de um período muito delicado e difícil para se fazer qualquer comentário em relação a isso em decorrência da proximidade do período eleitoral.

A EMATER do município também foi contatada em busca de informações sobre a presença da prefeitura nas atividades minerárias de Cachoeira do Brumado. Em conversa com dois profissionais da área de Desenvolvimento Econômico dessa instituição, verificou-se que o poder público não tem estado ausente da maneira como percebem os artesãos.

Segundo eles, vários trabalhos já foram realizados no distrito de Cachoeira do Brumado, até mesmo incentivando a organização dos grupos, através de contatos com os artesãos e de orientações. A respeito dessas tentativas, relataram, ainda, que, devido às diferenças de opinião e objetivo, de diferenças políticas, rivalidades e individualismo entre os próprios associados/cooperados não se obteve sucesso nessas ações. Citaram uma experiência de formação de grupo que tem dado certo no distrito marianense de Bento Rodrigues. Trata-se de um grupo de mulheres que se associaram e dedicam-se à produção de geleia de pimenta, sendo elas próprias as responsáveis por todo o processo, desde o cultivo da pimenta. Sob orientação da EMATER, o grupo tem estado presente em vários encontros como a Feira de Agricultura Familiar de Minas Gerais (AGRIMINAS) e a Superagro, por exemplo.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, parte do material adquirido como fonte e referência para análises foi cedido pela EMATER. Preocupados com os artesãos, a equipe evidenciou a necessidade de desenvolver projetos junto a eles. Exemplo disso são os estudos realizados e as tentativas práticas que se enfraqueceram dadas as dificuldades, já citadas, sobre o relacionamento dos artesãos entre si, o que condicionou um obstáculo para qualquer melhoria efetiva.

Embora haja a percepção, por parte dos artesãos, de que o poder público não demonstra interesse no envolvimento de suas causas, tampouco preocupação com relação às

suas condições de trabalho atual, há que se enfatizar que muitas tentativas e iniciativas já foram realizadas. O que é possível entender é que a relação que os artesãos de Cachoeira do Brumado estabeleceram entre si é muito complexa. Dessa forma, não encontram meios de alcançarem uma razão comum que os façam moverem-se no mesmo sentido. Isto conduz a um detrimento do interesse do grupo como um todo, seja ele uma associação ou uma cooperativa.

No mais, o cenário político também tem influenciado estas relações. Em todos os contatos feitos, essa questão foi citada, ficando claro o quanto a instabilidade na gestão e a descontinuidade nos projetos de desenvolvimento econômico e social intensifica a divergência de propósitos entre os que vivenciam essa experiência, visto que os seguidores dos partidos políticos, em sua maioria, são tão envolvidos a ponto de negligenciarem um bem coletivo maior para conservarem um hábito enraizado de politicagem que, ao que tudo indica, tem resultado apenas em malefícios para a sociedade.

Que este trabalho seja o ensejo para repensar o desenho político organizacional dentro dos grupos e no próprio município de Mariana-MG e que, sobretudo, sirva de incentivo para uma melhor atuação por parte dos artesãos na busca por benefícios coletivos. Desta forma, tudo o que foi oferecido por eles como fonte de informação e de pesquisa (lembrando a metodologia participativa) seja devolvido como análises e interpretações porque, em sentido conotativo, “o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta as pessoas e as coisas que não têm voz” (GULLAR *apud* MONT’ALVERNE, 2006).

CONCLUSÃO

Analisar a estrutura política da cidade de Mariana-MG e seus impactos sobre o distrito de Cachoeira do Brumado com reflexo em sua base econômica, por sua vez voltada para o artesanato, possibilitou um grande entendimento sobre a conjuntura atual da região. Todo o estudo feito e os contatos realizados permitiram considerações, realmente, de muita importância que exigiram esforço e geração de satisfação na mesma proporção.

Acerca do âmbito político da cidade de Mariana-MG pode-se notar o período conturbado que os seus municípios vêm enfrentando. A instabilidade política e a permanência breve de gestores em períodos tão curtos, certamente, têm causado desvantagens para a cidade como um todo no que se refere ao processo de desenvolvimento social, econômico e político.

Sobre o impacto das últimas gestões na economia do distrito de Cachoeira do Brumado, pode-se dizer que não há ações que indiquem ou expressem políticas públicas voltadas para o segmento artesanal que dá sustento à comunidade. Justamente pela volubilidade do âmbito político, não foi percebida nenhuma política pública bem sucedida que mereça destaque nessa ocasião.

O desempenho dos artesãos da localidade de Cachoeira do Brumado, por outro lado, tem sido discordante quando se pensa num objetivo geral sob o qual deveriam permitir moverem-se na busca por um benefício coletivo. Para uma região relativamente pequena, a existência de três grupos diferentes demonstra isto, e mais ainda, quando observamos o número de integrantes destes mesmos grupos se comparado ao número total de produtores de panela de pedra-sabão da região, pois é também, relativamente pequeno. Isto explana o problema de relacionamento entre os próprios artesãos devido a questões como individualismo, concorrência e diferenças políticas.

Uma vez desvendado este cenário conjuntural político e econômico de Cachoeira do Brumado, especificamente, conclui-se que há uma grande dificuldade em sugerir, neste momento, ações que poderiam expressar políticas públicas. O conjunto de análises postas, até então, permite-nos apenas registrar que a atuação do poder público foi, sim, identificada e que esta não se traduz em política pública, realmente. Entretanto, não se pode dizer que o poder público tem negligenciado os esforços e as condições de trabalho dos artesãos de Cachoeira do Brumado, visto que várias iniciativas foram destacadas, porém não concluídas a ponto de se proclamarem como política pública.

Por fim, constata-se que há uma situação muito complexa de relações entre os agentes envolvidos, ou seja, empresas, artesãos e poder público local, tendo como referência o distrito de Cachoeira do Brumado. Com objetivos destoantes entre os artesãos dentro da comunidade, com objetivos opostos entre os grupos formados por associados/cooperados e as empresas exploradoras do minério pedra-sabão e com a atuação mal sucedida do poder público fica clara uma conjuntura composta por fatores muito divergentes que demandam mais atenção, por parte da Prefeitura Municipal de Mariana-MG, e mais união, por parte dos artesãos de Cachoeira do Brumado. Somente atentando para estas necessidades mencionadas se poderá pensar numa situação de completude, na qual os objetivos poderão ser entendidos como comuns na busca por um bem maior para a coletividade, destacando o trabalho tão relevante dos produtores de panela de pedra-sabão de Cachoeira do Brumado e elevando o progresso e o desenvolvimento econômico, social e político do município de Mariana-MG.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Inês Regina. **O artesanato em pedra-sabão e sua possibilidade de fomentar o desenvolvimento sustentável para Catas Altas da Noruega – MG**. Monografia (Pós-graduação em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. **Dicionário histórico-geográfico de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Saterb Ltda., 1971.

BAUMOL, W.J.; OATES, W.E. **The Theory of Environmental Policy**. 2^a ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

HEILBRONER, Robert. Tradução de Therezinha M. Deutsch e Sylvio Deutsch. **A história do pensamento econômico**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

HORTA, Carlos Roberto. Neoliberalismo na passagem do século: das consequências ideológico-comportamentais à construção de um novo sujeito social. **Anais do 4º Congresso Latinoamericano de Sociologia do Trabalho**. Cuba, Havana, 2003.

MALDONADO FILHO, Eduardo. Políticas públicas de geração de emprego, renda e trabalho: considerações sobre a experiência do Rio Grande do Sul. In: HORTA, Carlos Roberto *et al.* **Globalização, trabalho e desemprego**. Belo Horizonte: C/Arte, 2001.

MARTINS, Saul. **Contribuição ao estudo científico do artesanato**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1973.

MELQUIADES, Vinícius. Um ofício não oficial: a produção de vasilhames de pedra-sabão em Minas Gerais, séculos XVIII e XIX. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, jul./2011.

NESTH. **Relatório final COOPERMINAS**. NESTH/IBEIDS, 2006.

SCLIAR, Cláudio. **Geopolítica das Minas do Brasil**: a importância da mineração para a sociedade. Rio de Janeiro: Revan, 1996.

SCLIAR, Cláudio. **Mineração, base material da aventura humana.** Belo Horizonte: Geoartelivros, 2004.

SILVA, Marcos Pedro da; ROCHA, Cleonice. **Caracterização da mineração aurífera em Faina, Goiás, em um contexto ambiental histórico e atual.** Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/asoc/v11n2/v11n2a11.pdf> (Acesso em: 10/10/2011.)

SINGER, Paul. Cooperativas são empresas socialistas. In: **Sindicalismo & cooperativismo: a economia solidária em debate/transformações no mundo do trabalho.** Rio de Janeiro: UNITRABALHO/COPPE/UFRJ, 2000a.

SINGER, Paul. **A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego.** São Paulo: Contexto, 2000b.

SOUZA, Celina. Governos locais e gestão de políticas sociais universais. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, 18(2), p. 27-41, 2004.

SUSLICK, Saul B *et al.* **Recursos minerais e sustentabilidade.** Campinas: Komedi, 2005.

TANNO, Luiz Carlos; SINTONI, Ayrton. **Mineração & município:** bases para planejamento e gestão dos recursos minerais. São Paulo: Instituto de Pesquisas Tecnológicas, 2003.

TEIXEIRA, Silas Sampaio. **Turismo de segunda residência e ressignificação do espaço rural:** o caso do empreendimento Bela Ville, Cachoeira do Brumado, Mariana – Minas Gerais. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2010.

ULHÔA, Cleusa. A terra dos artesãos. **Revista Mariana**, Minas Gerais. Dezembro, 2000, p. 18.